

## o jornal pelos alunos da EJA comunidade de inclusão social<sup>1</sup> -

Ana Cristina Bittencourt<sup>2</sup>

Charles Guerra<sup>3</sup>

e Fernanda Fernandes<sup>4</sup>

Centro Universitário Franciscano ó Unifra, Santa Maria, RS

### Resumo

O presente artigo descreve o processo de execução do projeto de comunicação comunitária, onde fizemos a produção de um jornal experimental desenvolvido com alunos da EJA, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tancredo Neves, durante o segundo semestre de 2007. Ao concluir o trabalho, conseguimos atingir os objetivos inicialmente traçados no projeto: a inclusão social a partir da mobilização de uma comunidade específica. O jornal foi em sua grande parte confeccionado pelos alunos da EJA: textos, charges e fotos foram feitos por eles. Nossa participação consistiu em orientá-los para que desenvolvessem o trabalho dentro dos moldes de produção de um jornal. Desta forma, o produto final que apresentamos possui a identidade do grupo de alunos, gerando neles ó e em nós ó a certeza de que a comunicação comunitária exerce papel fundamental para o desenvolvimento social.

**Palavras-chave:** comunicação; mobilização social; co-responsabilidade; cidadania.

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II, durante o segundo semestre de 2007, no curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, orientado pelos professores Gilson Luiz Piber da Silva e Viviane Borelli.

<sup>2</sup> Acadêmica de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano.

<sup>3</sup> Acadêmico de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano.

<sup>4</sup> Acadêmica de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano.

O trabalho executado teve sua origem durante o segundo semestre de 2007, na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II, onde foi proposto o desenvolvimento de um projeto que deveria ser aplicado em uma comunidade específica e proposta pelo grupo. Decidiu-se pela produção de um jornal experimental com oito páginas e escolhemos os alunos da Escola para Jovens e Adultos, que funciona nas dependências da Escola Estadual localizada no bairro Tancredo Neves, zona oeste de Santa Maria. Optou-se trabalhar nesta comunidade (alunos da EJA), pois desejávamos um grupo bastante diferenciado, tanto em faixa etária, quanto em conhecimentos e experiências culturais. Outro detalhe que desafiou o grupo foi o fato dela estar localizada na periferia e pela preocupação que tem em oferecer oportunidades de inclusão social a seus alunos. As atividades para concretização do trabalho seriam desenvolvidas a partir de oficinas, totalizando dez encontros entre os meses de setembro e novembro.

A Escola Estadual Tancredo Neves foi criada em 04 de maio de 1989 e abriu sua primeira turma da Escola para Jovens e Adultos no ano de 2000. De acordo com Celita da Silva, diretora da Escola, a EJA surgiu a partir de uma proposta da 8ª Coordenadoria Regional de Educação e veio resolver uma necessidade dos moradores do bairro. Atualmente, cerca de 400 alunos se dividem em turmas de 1º e 2º Graus, contando com 18 professores e disciplinas de cada currículo estabelecido pela 8ª CRE. A idade mínima para ingressar no Ensino Fundamental da EJA é 15 anos. Já para o Ensino Médio, a exigência é 18 anos. Especificamente para os alunos matriculados na EJA, a escola oferece diversas atividades, como, por exemplo, teatro, grupo de danças do CTG da Cohab, oficina de reciclagem e outros que investem na qualidade de vida da população. A EJA também serve de exemplo quando se fala em superação e integração: em 2007, pais e filhos de uma mesma família estão matriculados e frequentando as aulas, sendo que mãe e filha estão estudando na mesma turma.

A Cohab localizada no bairro Tancredo Neves é o maior conjunto habitacional da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul e tem aproximadamente 19 mil habitantes, contando com quase toda a infra-estrutura de um município, funcionando como uma cidade satélite. O grupo participante do projeto era formado por alunos da EJA, de ambos os sexos e com idades variadas. Para formar a equipe de trabalho, contamos com o auxílio da direção da escola. Entramos em contato com os responsáveis e explicamos



**PDF Complete**  
Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

eto. A divulgação foi feita pela própria Direção, os  
participar e assim formou-se a turma para iniciarmos o  
trabalho.

A partir de então, focou-se na produção de um jornal originado nas oficinas aplicadas junto aos alunos da EJA, onde levamos em consideração as discussões geradas pelo grupo.

## **2. Comunicação Comunitária: um exercício de integração e cidadania**

Conforme constatou-se em PERUZZO (1998, p.275), a participação do homem na vida da comunidade está assegurada na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso deu embasamento para aplicar o projeto, uma vez que a maior intenção era a participação efetiva do grupo. A autora diz ainda que õuma das múltiplas instâncias pelas quais o homem pode exercer esse direito e esse dever é a comunicação social, compreendendo-se nela todos os níveis e todos os meios criados para efetivá-laõ.

Ao iniciar o trabalho deixou-se bem claro ao grupo que o jornal deveria ter o máximo de identificação com a realidade deles, pois observamos que

õA comunicação para mobilização, tendo este caráter dialógico, é também libertadora, já que um sujeito não tenta invadir ou manipular o outro, reduzindo-o a mero objeto ou recipiente, mas tenta, com o outro, problematizar um conhecimento sobre uma realidade concreta, para melhor compreender esta realidade, explicá-la e transformá-laõ. (HENRIQUES 2004, p. 66).

Ou ainda, deveria-se incentivar a participação de todos, respeitando as limitações e as características de cada um. Para tanto, foi necessário estabelecer vínculos e deixar abertos todos os canais que nos unissem ao grupo, sempre com o objetivo de fortalecer a co-responsabilidade.

õA participação popular implica uma decisão política e o emprego de metodologias operacionais que o favoreçam. Em matéria de comunicação, não basta incentivar o envolvimento. É necessário criar canais para tanto e mantê-los e desobstruídos. Isso tem a ver com objetivos estratégicos, ou seja, onde se quer chegarõ. (PERUZZO, 1998, p.276).

Desta forma, o processo de produção do jornal foi quase que em sua totalidade desenvolvido pelos próprios alunos, da escolha da pauta à produção das fotos. O intuito era exatamente o que nos diz HENRIQUES (2004), que nossa intervenção no grupo

dir o espaço ocupado por eles, apenas direcionando e  
os e as decisões.

No decorrer do trabalho, constatou-se o que citam Toro & Werneck *apud* Henriques (2004, p.78) õas identidades que as pessoas assumem em suas perspectivas individuais não as impedem de participar do processo mobilizatório, estabelecendo uma identidade coletiva. Esse aspecto ficou bastante evidente na medida em que cada um procurava integrar o colega na tarefa em desenvolvimento. Independentemente do objetivo ou interesse de cada um sobre determinado tema, agregados ao coletivo de idéias produzidas pelos alunos, o trabalho foi tomando forma e identidade.

Dentre as ações executadas destacamos a atitude de fazê-los entender que a participação de todos era crucial para que o trabalho tivesse o resultado esperado. A produção do jornal deveria partir do grupo, pois eles eram os atores da realidade que seria retratada. Como moradores do bairro e geradores da notícia, a partir do momento em que vivenciavam o dia-a-dia da comunidade, poderiam transpor esta mesma realidade para as páginas do jornal.

Deste modo, concorda-se com a idéia de que õA identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social ou coletividade; é um sentido de pertença, de ser parte de um grupo que tem uma história própria e um destino coletivo. (THOMPSON *apud* HENRIQUES, 2004, p.78).

Os encontros com o grupo aconteciam a cada quinta-feira, com duas horas de duração, em média. No primeiro dia, teve-se uma surpresa que nos motivou: eram trinta alunos inscritos e presentes na sala. Para a definição das pautas, a liberdade na interpretação do cotidiano foi de extrema importância para caracterizar a identidade. Desta forma, conversou-se a respeito do que interessava a eles ler em um jornal do bairro. O que pretendia-se era fazer com que o grupo tivesse a convicção de que as notícias poderiam vir de suas ações e vivências. Sendo observadores da realidade local, seriam capazes de externar as impressões de fatos que poderiam passar despercebidos. Para nós, agir desta forma nos fez ir ao encontro do que diz PERUZZO (1998, p.143) õdar voz a quem não tem vozõ.

A partir disso, levou-se até o grupo diferentes jornais para que eles tivessem um contato mais concreto com os conceitos que explicitaríamos a seguir, quais fossem a pauta e as editorias. Um aspecto que tivemos que levar em conta era o fato de que nosso trabalho naquela comunidade não se tratava de ensinar ao grupo como se tornar jornalista, mas sim trabalhar com eles as ferramentas para tornar possível a produção do

hou-se a atenção que os assuntos deveriam estar nestes temas seriam classificados em editorias que formariam o jornal como um todo. Neste momento, também foi necessário apresentar a eles alguns critérios de noticiabilidade do jornalismo.

Nos encontros que seguiram, algumas idéias tomaram corpo e foi possível identificar as possíveis matérias que seriam escritas. A partir do interesse pessoal deles, foram surgindo notas e pequenas reportagens, onde se podia encontrar os aspectos positivos e negativos da comunidade em questão. Percebeu-se que, a partir da aptidão de cada um, outros elementos foram se agregando, como por exemplo, charges e poesias. Este fato comprova mais uma vez o engajamento e a dedicação do grupo em relação ao trabalho. Ficou evidente para nós que cada um tinha algo a dizer e cabia a nós dar vazão à criatividade deles.

Já neste ponto do projeto foi possível concordar com PERUZZO (1998) quando fala da efetivação da participação. É lógico que no grupo houve resistências, porém, tivemos a sorte de tê-las como pouco significativas, já que aqueles que decidiram não se envolver com o trabalho, abandonaram o grupo.

No desenvolvimento do projeto constatou-se que se não houvesse um acompanhamento contínuo dos produtores das ações, no caso os alunos da EJA, todo o trabalho poderia ficar comprometido. Esse fato foi de extrema importância para novamente reafirmar a necessidade de estabelecer vínculos para solidificar a participação efetiva tanto do grupo quanto dos executores do projeto. Esta constatação contribuiu para que houvesse uma compreensão mais lógica sobre nosso papel enquanto mobilizadores sociais.

A próxima etapa foi analisar os materiais que chegaram até nós. Nos encontros realizou-se a leitura dos textos em conjunto com o grupo, fazendo-os perceber quais assuntos teriam importância. É fundamental destacar que os alunos conseguiram perceber o papel de cada um no trabalho, assumindo sua co-responsabilidade no projeto, ao ponto que um auxiliou o outro em determinadas tarefas. Paralelamente aos textos, as fotos iam surgindo, de maneira que quase todas as matérias publicadas têm uma referência imagética.

Com fotos e textos em mãos, partiu-se para a montagem do jornal. Definimos quais as matérias seriam publicadas (obedecendo às regras de noticiabilidade) e em que páginas seriam distribuídas. É preciso salientar que, aqui, talvez seja o momento em que mais tivemos que intervir. Devido a uma questão de espaço, algumas matérias foram

entendimento do grupo. Estabelecemos prioridades e, dando espaço para algumas charges criadas por um aluno.

Um detalhe que não podemos deixar de mencionar é a escolha do nome para a primeira edição do jornal da EJA. A princípio, achávamos que esse nome deveria ser pensado desde o primeiro encontro. Esta atitude, no entanto, estava equivocada uma vez que fomos orientados a protelar a escolha do nome e deixar que o grupo incorporasse mais o conceito da produção do jornal. No momento oportuno, a eleição se deu naturalmente, com a sugestão, votação e decisão unânime dos alunos ó nosso jornal chama-se LÆEJA ó uma fusão do verbo ler e do nome EJA, conotando a vontade do grupo de ser visto, lido e inserido no contexto em que vivem.

Concordamos com PERUZZO (1998) quando trata da questão da democracia direta, dizendo que todos podem falar, propor, debater, ter voz ativa nas decisões e trabalhar onde partilham uma experiência de igualdade e de atuação como sujeitos no processo. Desta forma, alcançou-se a participação coletiva, onde todos podem sugerir, discutir e, principalmente, decidir. Acreditou-se ter proporcionado a eles um processo educativo de cidadania. Assim,

õNesse sentido, mais do que promover o direito ao acesso à informação, é necessário fomentar o direito à comunicação. Não se trata de uma comunicação linear que envolve apenas emissores, mensagens, canais e receptores. Refere-se a uma comunicação orgânica e complexa, que não se localiza somente nas tecnologias e técnicas de transmissão de informações, mas que resulta na conquista da cidadania para a transformação socialö. (TRESKA, 2007, p.4).

Durante essa etapa do projeto, começou-se a pensar na viabilização do jornal. Era preciso buscar apoio para a impressão, pois não teríamos outra maneira de tornar possível concretizar o que já estava em pleno desenvolvimento. Estabelecemos os lugares que poderíamos entrar em contato para apresentarmos a idéia. Fomos à procura de uma empresa comunicação da cidade. Marcou-se uma reunião com o diretor e apresentamos o projeto. Em nossa primeira tentativa, não tivemos sucesso, aceitamos a argumentação da direção da empresa e partimos para a próxima alternativa. Resolveu-se procurar uma gráfica, onde, para nossa surpresa, o projeto foi aprovado no mesmo instante.

lhes como tiragem, tamanho e cor. Após esta reunião, buscar mais um apoio: o fotolito<sup>5</sup>. Conseguimos o serviço junto a uma empresa de impressões e serigrafia. O passo seguinte era pensar na diagramação. É evidente que a apresentação gráfica do jornal deveria ter um planejamento e um conceito, o que buscamos estabelecer desde o princípio. Apesar disso, não deixamos de lado o caráter experimental do projeto, respeitando as características desejadas. A execução da diagramação ocorreu sem maiores problemas, pois logo entramos em consenso, sobre sua montagem e estruturação. O processo do planejamento gráfico levaria mais tempo, portanto, para esta tarefa, contamos com o auxílio de um profissional, o que nos fez ganhar em tempo e qualidade.

No prazo estipulado anteriormente pela gráfica para a entrega do material a ser impresso, cumprimos o cronograma. Inicialmente, acordamos com a gráfica a impressão de 1000 exemplares. Entretanto, tivemos a feliz notícia, ao irmos buscar o material, de que havíamos recebido 1800 jornais prontos. Este acréscimo foi justificado pela gerência da empresa como sendo um projeto de cunho social e que merecia todo o incentivo dos setores privados.

Para nossos alunos do EJA, a experiência de produzir um jornal em um processo semelhante ao que acontece na prática gerou neles uma grande satisfação, tanto pela aquisição de novos conhecimentos quanto pelo resultado de ter o produto final acabado em suas mãos. Para a comunidade da escola e do bairro, a possibilidade de ter suas histórias redigidas e retratadas nas páginas de um jornal significou a reafirmação de suas identidades, sugerindo que novas edições do jornal LøEJA ainda estão por vir.

A intenção de dar prosseguimento ao projeto, originando sucessivas edições do jornal, parte dos próprios alunos envolvidos no trabalho. A grande maioria deles demonstrou-se comprometido em perpetuar a existência da publicação, mencionando esta vontade perante nós, acadêmicos, e também perante o corpo docente. Foi bastante gratificante para nós, executores do projeto, ouvir a solicitação para que um dia voltássemos para acompanhar a produção de futuras edições. É o que afirma Joceli Padilha, o aluno responsável pelas charges do jornal. Segundo ele, o LøEJA terá, pelo menos, sua segunda edição. Concluindo a etapa que lhe dará a conclusão do Ensino Médio, Joceli se diz interessado e determinado a ajudar os colegas na produção da

---

<sup>5</sup> Espécie de filme transparente que serve de suporte para informações, ou seja, é a mídia intermediária entre a finalização ou arte final e o impresso, geralmente em off set. Fonte: <http://www.vital.srv.br/fotolito/fotolito.htm>

o aluno também afirma que seu primeiro vestibular já

Na ocasião em que divulgamos o jornal na Escola, a satisfação do dever cumprido era compartilhada entre todos. Assim como Joceli, outros colegas participantes do projeto demonstraram grande satisfação e orgulho ao apresentar para os demais alunos da Escola Tancredo Neves o jornal produzido por eles. Sorridentes, eles distribuíram os impressos em todas as salas de aula do período noturno, entregando aos colegas o produto final de uma oficina que lhes proporcionou muito mais do que uma atividade: lhes conferiu cidadania.

Com certeza a semente já está plantada. A gente quer dar continuidade e trazer mais colegas para tornar realidade à segunda edição do jornal LÆJAÖ, finaliza.

A receptividade dos professores também foi bastante positiva. Em cada sala visitada por nós, era visível a satisfação e a surpresa em ver um jornal produzido por seus alunos. Perante as turmas, reafirmávamos nossa disponibilidade em contribuir com futuras publicações.

A satisfação do grupo ao final de tudo pode ser traduzida em algumas palavras da professora Terezinha Santos de Carvalho, licenciada em Letras, pós-graduada em Mídias na Educação. Diz:

Acreditamos que o trabalho obteve êxito na sua elaboração e ao que o projeto se propunha, vindo ao encontro das propostas pedagógicas que fundamentam o objetivo da criação da modalidade Educação para Jovens e Adultos. Com criatividade, o grupo de acadêmicos diversificou métodos e técnicas de forma consciente e lúdica, visando à integração, a interdisciplinaridade e o comprometimento coletivo, inovando a partir do uso das mídias na educação como ferramentas pedagógicas, já tão presentes no dia-a-dia do educando.

Ainda é válido mencionar as considerações feitas pela Direção da Escola, afirmando que o projeto desenvolvido por nós foi de grande valia para a comunidade como um todo. A diretora Celita da Silva comenta:

Este trabalho foi fruto da construção coletiva do grupo. Os alunos que participaram do projeto tiveram uma noção clara do funcionamento de um jornal, pois foram devidamente orientados. Além disso, os acadêmicos motivaram os alunos a participarem de pesquisas na comunidade, incorporar novos conhecimentos via leitura de matérias jornalísticas, incentivar melhor domínio e manejo da linguagem oral e escrita, incentivar a prática da reflexão, comparação, análise, síntese das informações e conhecimentos adquiridos.

Acredita-se que o trabalho foi concretizado e também que pôde-se comprovar a importância da comunicação nos processos de mobilização social.

A aplicação do projeto na Escola Tancredo Neves foi para o grupo um grande desafio. Primeiramente, porque tínhamos consciência de que queríamos um trabalho totalmente realizado pelos alunos e, depois, porque não sabíamos como seria a aceitação do grupo. No entanto, ficou claro que as primeiras impressões nem sempre condizem com a realidade.

Os processos comunicacionais funcionam como agentes de modificação do cenário em que atuam. Constatamos isso no decorrer da aplicação do projeto, onde comprovamos teorias e descobrimos autores, que corroboraram com nossas idéias.

A partir das metodologias utilizadas durante os encontros, pudemos entrar em contato com conceitos de fundamental importância, como cidadania, participação, coresponsabilidade e democracia.

A prática nos fez compreender que para atingir os objetivos, os encontros eram de extrema importância. Sabemos disso, pois a medida em que esses encontros iam acontecendo, percebíamos a importância para a realização das ações pré-estabelecidas nos encontros anteriores. Assim, os alunos iam se envolvendo com o trabalho, motivando nosso prosseguimento. Desta forma, conseguimos desenvolver uma metodologia de ensino onde não desviamos do foco. Nossos passos eram guiados pelos próprios produtores das ações. Isso, na verdade, era o mais importante, pois não permitiria a descaracterização do jornal.

Valores como convivência, trabalho em grupo e tolerância também foram testados. A prática nos fez entender como se desenvolvem as ações conjuntas para o desenvolvimento de uma ação. No percurso, tivemos problemas com o cronograma pré-estabelecido, em função dos feriados, isso retardou algumas etapas. Mas procuramos compensar de outras maneiras, como por exemplo, nos deslocando até a escola em dias fora do programado.

Foi estimulante para nós, acadêmicos, perceber nos alunos o exercício da cidadania. Acreditamos ter contribuído para a inclusão social de cada um deles, uns mais outros menos, mas em todos sem exceção. Foi possível perceber que nesse pequeno ambiente, muitos dos participantes sentiram-se engajados em uma causa. E, mais, incluíram-se na sua realidade, com o interesse cada vez maior de participar e opinar.

enciamos durante a execução do projeto, foi possível atividades que buscam mobilizar minorias acaba por se estruturar com desempenhos específicos. Assim, as ações se tornam mais dinâmicas e ganham vulto, deixando de ser õsimples seqüências de ações e reações desarticuladas de pouca representatividadeö (CASTELLS,1999, p.22).

Ao final, o nosso empenho gerou resultados positivos. Antes mesmo da conclusão do projeto na Escola Tancredo Neves fomos convidados a participar do I Encontro de professores de EJAS da Zona Oeste. O evento deverá ser realizado anualmente e com o objetivo de integrar os professores, a fim de trocar experiências sobre as metodologias para enriquecimento e motivação em sala de aula, colaborando para a diminuição da evasão escolar. Nesta ocasião, proferimos uma palestra para professores participantes das oficinas, oriundos de diversas escolas de Santa Maria. Falamos para cerca de 20 pessoas que demonstraram interesse no projeto de produção do jornal. No encontro, relatamos todo o processo, do projeto, metodologia desenvolvida, os objetivos e resultados.

Vale destacar aqui algo recompensador para nós, acadêmicos e facilitadores da inclusão social naquela comunidade, o fato de termos sido parabenizados pelos participantes da oficina. Muitos deles nos pediram para comparecer em suas respectivas escolas, com intenções de aplicar o mesmo projeto. Outro ponto positivo, o qual consideramos uma pequena vitória em nossos currículos.

Mas, sem dúvida, o maior de todas as recompensas foi a possibilidade, ainda que remota, de que o jornal L~~o~~EJA poderá ter no futuro sua segunda edição. Esta idéia veio diretamente dos alunos, já ao fim do projeto. Percebemos a sinceridade nelas ao comentar que pensam em produzir eles mesmos, a edição número dois e, por que não, as sucessivas. Foi neste momento que todo o processo de tornar a comunicação uma ferramenta em prol da inclusão se fez valer a pena. E a lição maior que tiramos é que sim, é possível mobilizar para alcançar objetivos comuns.



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

HENRIQUES, Márcio S. **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

TRESCA, Laura C. (2007). Comunicação Comunitária Para Quê? *In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos-SP, Intercom, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.